

RUBEM BRAGA

INOXIO

O NOSSO tagarela presidente trazia um papelzinho no bolso. E quando veio aquela pergunta êle tirou e mostrou. E moitou.

A pergunta era sobre um convite, feito pelo general Aramburu, para uma reunião dos presidentes do Brasil, do Uruguai e da Argentina. O papelzinho, escrito no mais inóxio dos estilos. Desculpem a palavra «inóxio». Não foi eu quem inventou, nem o Guimarães Rosa também. Descobri-a por acaso no dicionário.

Não quer dizer nada de feio; quer dizer «inócua», inocente. Mas preferi usar «inóxio» a «inócua» porque, como vocês sabem, duas palavras jamais querem dizer a mesma coisa; ou melhor, querem dizer a mesma coisa, mas a dizem de modo diferente; e neste mundo de aparências as coisas valem tanto pelo seu modo como pela sua substância.

«Inóxio» quer dizer «inócua» — com pedantismo. Bem, o melhor é vocês lerem o que estava no papelucho:

«A proposta do presidente Aramburu reflete a preocupação com que o atual governo argentino encara o problema da cooperação interamericana, e que é um fato do qual poderão advir bons resultados. No momento, não nos cabe pronunciar sobre a proposta, que está sendo devidamente estudada pelo Itamarati e os órgãos militares».

É impressionante como as pessoas escrevem mal, quando não querem dizer nada. O cavalheiro que redigiu essa nota deve ter se achado, ao terminar, um portento de habilidade; talvez não lhe ocorra o quanto foi «inóxio», isto é, inócua com pedantismo e antipatia.

Não posso penetrar nos mistérios da diplomacia portenha. Mas posso contar um fato, ainda não divulgado, que dá a medida da confiança e da amizade com que o atual governo argentino se volta para o Brasil.

A esquadra argentina vai realizar, no próximo verão, manobras conjuntas com a uruguaia. O tema deve ser, naturalmente, a defesa do estuário do Prata. Pois bem: para essas manobras o governo argentino convidou os nossos adidos navais em Montevidéu e Buenos Aires e mais dois oficiais que o nosso ministro da Marinha designar. Convidou-os para acompanhar toda a manobra de bordo da nau capitânea argentina. Isso quer dizer, na prática: a Marinha argentina oferece à brasileira todo o seu segredo operacional. Este é o ponto de vista do almirante Rojas: não deve haver segredos, mas cooperação, entre as forças armadas dos dois países. O almirante, Rojas foi adido naval no Rio (isso êle contou a um amigo seu, que me contou) e aqui faziam tanto segredo de tanta coisa que, cansado de não informar nada, êle se distraía passeando, fazendo turismo: foi a Vitória, Bahia, Pernambuco; fez a viagem de trem, com um filho rapqzinho, de São Paulo a Montevidéu. Naturalmente nosso adido naval em Buenos Aires naquele tempo (tempo de Perón) era tratado de igual modo.

Ora, o almirante Rojas entende que isso não se justifica, e faz aquêle gesto largo, fraternal, de convidar nossa Marinha a conhecer a sua — conhecer por dentro, em operações.

Tenho medo de que o Itamarati interfira e diga aos nossos oficiais de Marinha que podem assistir às manobras do Prata — mas de óculos escuros e à paisana, para disfarçar. E cada um levando no bolso, para o caso de algum oficial argentino ter o mau gosto de perguntar, por exemplo, quantos nós faz o «Tamandaré», um papelucho que diga em estilo bem inóxio:

«Isso depende da força e direção das correntes eólicas e marítimas, assim como de diversos outros fatores, alguns deles imponderáveis, que nos impedem de responder com absoluta precisão a essa pergunta, a qual demonstra um interesse pelas coisas brasileiras que muito nos conforta e desvanece».

Porque nós, pobres de nós, só podemos conversar com êles através de um intérprete — em inglês.